

## O CONTEXTO COMO UM TIPO ESPECIAL DE MODELO MENTAL DA MEMÓRIA EPISÓDICA

Caio César Costa Santos (UFSE)

**RESUMO:** Neste artigo, apresentaremos a teoria dos modelos de contexto de Teun A. Van Dijk (1977, 2004, 2012), para o qual, o contexto é definido como um tipo especial de modelo mental da memória episódica. À luz de uma abordagem sociocognitiva, buscamos compreender como expressões linguísticas do discurso, em termos de contextos, são formalmente representadas. Assumimos a posição de que o processamento do discurso requer do falante um dispositivo cognitivo único capaz de elucidar até os sinais mais invisíveis do texto. Com o objetivo de realçar a importância desta teoria para os estudos linguísticos, analisaremos três episódios sobre a vida do sobrevivente do holocausto da Segunda Guerra Mundial, Dr. Primo Levi (2015), contados na obra *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*, com o intuito de relacionar a teoria dos modelos mentais com as memórias episódicas do holocausto. Concluímos que o contexto como um tipo especial de modelo mental é proveniente da memória episódica do falante, como Van Dijk havia pressuposto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contexto. Modelo mental. Memória episódica.

**ABSTRACT:** In this paper, we will present the theory of context models by Teun A. Van Dijk (1977, 2004, 2012). For this linguist, context is defined as a special kind of mental model of episodic memory. In the light of a sociocognitive approach, we seek to understand how linguistic expressions of discourse are formally represented in terms of contexts. We take the position that discourse processing requires a unique cognitive device capable of elucidating even invisible signs of the text. In order both to emphasize the importance of this theory for linguistic studies and to relate it to episodic memories, we will analyze three episodes of the life of the Holocaust survivor, Dr. Primo Levi (2015), in the book *Auschwitz: testimonies 1945-1986*. We conclude that context as a special type of mental model comes from the episodic memory of the speaker, as Van Dijk had presupposed.

**KEYWORDS:** Context. Mental model. Episodic memory.

### 1 INTRODUÇÃO

Na literatura em geral e, mais especificamente, na literatura linguística, a emergência da concepção do que seja um modelo de contexto perpassa por diretrizes pedagógicas que concebem um caráter intrínseco ao papel da memória na tessitura de valores semânticos. Dentre as categorias de análise acerca da teoria do modelo de contexto, os estudos sobre a indicialidade, por exemplo, categorizam os textos como uma unidade de expressões semânticas dêiticas puras. O conhecimento teórico acerca destas expressões, em especial, está contido em todo sistema linguístico-perceptual, que incita relações contextuais. Isto quer dizer que a estrutura hierárquica da língua só tem

existência representativamente com a aparição do componente contextual. Quando o indivíduo, numa determinada sentença verbal, enuncia “no local onde eu estou está chovendo”, esta proposição fortemente indica que a língua só tem representatividade por intermédio da ação do contexto.

Para cada texto, há um contexto ou uma emergência de contextos. Na tradição estruturalista, o contexto tem um papel relevante porque busca conectar as expressões dispersas do texto e, neste limiar, é visto como uma superfície linguística de referência dêitica. Desde as formulações revistas em Frege (2009), o contexto tem a intenção de referir a algo ou a alguém, dentro de uma sentença gramatical. No sistema dito “linguístico”, por excelência, cada caractere textual forma uma unidade de significado também contextual. Este fato provoca uma abertura de discussões que tornam complexa a teoria do contexto como um tipo especial de modelo mental, pois o valor de uma unidade gramatical coesa só tem coerência em seu uso, articulando-o com o modelo de contexto.

Para a ciência linguística, existe uma teoria do contexto de base sociocognitiva, o que garante a nós, linguistas, propor novos olhares em torno do processamento da língua, como também do discurso. Neste artigo, apresentamos uma concepção que leva em consideração o contexto como um tipo de dispositivo cognitivo próprio da espécie humana. A nossa referência para este estudo inicial é o Dr. Teun A. Van Dijk. Ele é um dos poucos linguistas da teoria do discurso que vê a unidade semântica do contexto como subjetiva, dinâmica e episódica.

Segundo a tese de Van Dijk (2004, 2012), o contexto é um tipo especial de modelo mental da memória episódica. Partindo deste pressuposto e com o objetivo de corroborar com a teoria do modelo de contexto, analisaremos três fragmentos episódicos da obra *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986* de Primo Levi (2015), onde o elemento contextual é visto por diferentes prismas, concluindo que o processo de construção de sentidos do texto episódico requer fundamentalmente a presença do contexto enquanto modelo mental.

## **2 A TESE DE VAN DIJK SOBRE A CONCEPÇÃO DE CONTEXTO**

A problemática central da tese de Van Dijk (2012) repousa na ideia de que muitas pesquisas em torno da concepção de “contexto”, tanto em linguística como em outras ciências mais formais, ainda limitam esta concepção ao “contexto verbal”. Atualmente, muitos estudiosos descrevem o componente contextual como um valor semântico próprio da língua e não necessariamente do discurso. De antemão, este é um problema teórico vigente, uma vez que o processo de significação de cada elemento linguístico do texto requer, do fundamento da textualidade, um caractere que é individual. Partindo de um viés histórico dos estudos mais avançados, foi preciso chegar à década de 70 para que se formulassem estruturas linguísticas correlacionadas ao contexto social de modo mais coerente. O que ficou evidente, neste limite temporal, é que as expressões linguísticas em si produzem sinais, que tornam a unidade do contexto amplamente específica. A questão principal de Van Dijk (2012) é a seguinte: como se devem interpretar as expressões do discurso em termos de contextos formalmente representados?

Primeiramente, para Van Dijk (2012), os contextos são constructos subjetivos e únicos. Isto quer dizer que cada participante, na trama do discurso, tem uma maneira usual ou própria de empregar unidades semânticas de uso e que cada relação contextual se superpõe a um contexto mais global. Os constructos subjetivos são dotados de experiência semântica única, pessoal e ordinária. Nos romances de época, por exemplo, o protagonista se configura como a figura-chave que reproduz, no limite do texto, opiniões, ações, perspectivas e emoções, que minimizam o processo de deslocamento contextual. O contexto social ou mais amplo só consegue influenciar o discurso e modificá-lo a partir da experiência episódica humana. Se os traços dos modelos de contexto são únicos, enquanto tais, cada enredo da história provocará novos espaços, alinhamentos e deslizamentos no processamento do discurso.

Os contextos são modelos mentais e específicos do modelo da experiência. Conforme postula Van Dijk (2012), teoricamente, os constructos subjetivos dos participantes, por uma abordagem sociocognitiva do procedimento verbal, só podem ser compreendidos em termos de modelos mentais, a saber, os modelos de contexto. Tais



“modelos” representam propriedades relevantes do entorno comunicativo no interior de uma memória episódica (autobiográfica). Se os contextos são modelos mentais que representam situações comunicativas, cada expressão do modelo de contexto faz jus a um tipo específico de memória episódica. Isto faz mencionar que cada unidade semântica de uso representada por um sinal linguístico (o dêitico) imprime na consciência humana fatos e circunstâncias que só são perceptíveis com intermédio da ação da força humana.

Os modelos de contextos são esquemáticos, os quais consistem de categorias mais ou menos flexíveis, dotadas de uma base cultural e que são amplamente compartilhadas, o que evidencia várias interpretações de um mesmo evento comunicativo, em curso. Tais categorias são, por exemplo, a pessoa, o tempo, o lugar e os participantes. Cada fragmento contextual de uma dada situação comunicativa pode dar origem a uma combinação hierárquica de elementos textuais e extratextuais. Por exemplo, a categoria “tempo” na enunciação “no local onde eu estou está chovendo” pode discernir uma ampla gama de deslocamentos contextuais, que poderá divergir da totalidade significativa do texto.

Os contextos controlam a produção e a compreensão do discurso e têm bases sociais. É comum que os modelos de contexto, definidos como modelos mentais, controlam o processo de produção e compreensão do discurso das quais as estruturas discursivas e as várias interpretações do discurso são resultantes. Este é o processo semântico pelo qual compete aos usuários da língua moldar o seu discurso apropriadamente em relação às propriedades da situação comunicativa. Se embora os contextos também são definidos como pessoais e únicos, eles têm bases sociais próprias. Ou seja, cada estrutura social é composta de cognições sociais, tais como: “conhecimentos”, “atitudes”, “ideologias”, “regras”, “normas”, “valores”, etc. Neste caso, os contextos são, ao mesmo tempo, subjetivos e sociais.

Os contextos são dinâmicos e com frequência amplamente planejados. Como estamos tratando de estruturas subjetivas e sociais, eles jamais poderão ser estáveis. Os contextos, construídos para cada situação comunicativa, são atualizados constantemente e readaptados tendo em vista às restrições de cada “situação”, incluindo aí, o discurso e

a interação intermediada. Segundo Van Dijk (2012, p. 37), “os contextos se desenvolvem “à medida” e “online”, isto é, em paralelo com a interação e outros tipos de pensamentos”. Além disso, os participantes conhecem previamente a tessitura do texto e, intuitivamente, planejam muitas das propriedades semânticas prováveis da situação comunicativa. Cabe aqui mencionar as lembranças acumuladas de eventos comunicativos semelhantes ocorridos no passado.

Os contextos, enquanto modelos mentais, não podem ser reduzidos ao texto propriamente dito. Os contextos, em boa parte das vezes, são apresentados no discurso como implícitos e pressupostos, já os textos são unidades semânticas complexas concretas superficiais, uma vez que são demarcados na estrutura de cada língua e, por isso, são explícitos e postos. Ao passo que os contextos são sinalizados ou indiciados, os textos são apresentados e reconstruídos com base na mente dos interlocutores. Além disso, os textos podem partir de uma macroestrutura (as situações sociocomunicativas em vários níveis de generalidade), bem como partir de uma microestrutura (interações situadas, momentâneas, instantâneas ou em curso). É lícito afirmar que os níveis entre a macro e a microestrutura podem variar no interior de um mesmo evento comunicativo.

As abordagens cognitivas e sociais do discurso delimitadas por Van Dijk (2004, 2012) definem o contexto como um tipo especial de modelo mental, isto é, como representações das próprias situações comunicativas produzidas subjetivamente pelos participantes, o que é diferente das teorias do contexto de cunho gramatical. Para este tipo de concepção, o “contexto” é meramente um “contexto verbal” o qual está diretamente relacionado à língua. Em contraponto, as situações sociais não influenciam diretamente o discurso e a língua, de acordo com Van Dijk (2012), essa influência só é possível passando pelos modelos mentais. Logo, as abordagens tradicionais as quais tentam dar conta das estruturas sociais ficam incompletas, de modo que fica evidente que o “contexto verbal”, na tradição linguística, diz respeito à “situação local” ou ao “contexto”, tão somente, sem interpor essa interface cognitiva importante.

Como se vê, os contextos não são um tipo de situação local instanciada, mas sim constructos subjetivos amplamente disseminados pelos participantes, fundamentados segundo propriedades rigidamente sociais e representados na memória episódica. É

evidente que as teorias existentes relacionam as estruturas do discurso diretamente a representações subjacentes do texto e não à situação em que os usuários da língua estão participando. Van Dijk e Kintsch (1983) postularam uma teoria dos modelos mentais, denominada de “modelos de situação”, com o intuito de explicar como os indivíduos compreendem o processamento do discurso. Deste modo, a Psicologia Cognitiva conseguiu, pela primeira vez, lidar com a noção de referência e correferência e explicar por que não é só o sentido em si, mas a referência a fatos relacionados que constitui a base da noção de coerência. (VAN DIJK, 1977).

Neste sentido, uma sequência de sentenças de um texto é caracterizada como coerente se, e somente se, os usuários da língua forem capazes de construir modelos mentais dos eventos comunicativos sobre os quais estão falando, ouvindo ou percebendo, e se forem capazes ainda de relacioná-los entre si, por meio de relações de temporalidade e espacialidade. A recuperação de eventos episódicos da catástrofe da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, demanda que o usuário da língua disponha de categorias semânticas de uso como a ação do participante, o tempo da narrativa, o espaço em que o acontecimento ocorreu e os papéis sociais em que os atores estão envolvidos. De todo modo, o conhecimento genérico está diretamente relacionado à informação presente na memória semântica, isto é, ao conhecimento compartilhado socioculturalmente, enquanto que o conhecimento pessoal ou individual está diretamente relacionado à informação presente na memória episódica.

Na Psicologia Cognitiva, usa-se o termo “memória episódica” (*episodic memory*), criado por Tulving (1983), com o intuito de dissociar as lembranças de eventos episódicos (“memória episódica”) das lembranças de conhecimento enciclopédico ou generalizado (“memória semântica”). Esta introdução ao conceito de “memória episódica” permitiu o retorno às qualidades fenomenais da experiência de recordação consciente, uma vez que as pesquisas sobre memória, até meados do século XIX, restringiam-se a modelos experimentais, como os de Ebbinghaus (2005) e William James (1990), referências contemporâneas sobre a Ciência da Memória.

Contudo, somente a partir da década de 70, a história em torno da teoria do psiquismo sofreu profundas transformações no tocante ao objeto e método de análise,

pois corpo e mente não podiam ser mais considerados entidades dissociadas de si cujas descrições experimentais não dariam conta da aplicabilidade do fenômeno da memória episódica. Sendo assim, o estatuto da subjetividade ganha um novo patamar de investigação circunscrito ao princípio da intuição. A figura de Bartlett (1932) potencializa esta crítica à linhagem experimental e formula a defesa por um modelo de análise voltado para processos mentais associados à memória e à percepção.

Tulving (1983), em seu famoso artigo *Elements of episodic memory*, rompe com este paradigma de pesquisa laboratorial (de memorização de uma lista de palavras), fazendo realçar o modo especial de organização, representação e função da memória episódica, no interior de lapsos de tempos percebidos. Lembranças-imagens trazem à baila estados conscientes que nos levam a reconsiderar a “experiência episódica” como condição essencial na tentativa de elucidar traços íntimos da organicidade temática dos modelos de contexto. A partir desta visão, não descrevemos aqui a concepção de “memória” como “imaginação” ou “fantasia”, ou como uma mera “reativação” e “recomposição”, pois os eventos comunicativos em que os modelos de contexto engajam, são constantemente reativados.

Conforme postulou Tulving (1983), a memória episódica traz em seu bojo a sensação de uma viagem mental pelo/no tempo; em contrapartida, outros animais estão desprovidos desta capacidade inerentemente humana. Esta categoria não é possível em outros sistemas de memória. A memória episódica significa uma experiência subjetiva e pessoal e redimensiona eventos comunicativos em tempo e espaço específicos, isto explica a relação particular com os modelos de contexto. Tulving (2001) propôs três características deste tipo especial de memória: (a) a memória episódica é uma extensão pertencente à memória semântica, ao invés de ser um sistema separado; (b) estes dois tipos de memória diferem no que diz respeito ao tipo de consciência, que acompanha as suas operações; (c) tal diferença está relacionada ao problema de descrição do campo perceptual da indicialidade na memória.

Enquanto a memória semântica permite aos indivíduos representar e conceitualizar objetos e situações sobre o mundo, a memória episódica permite aos indivíduos reconhecer o evento comunicativo como uma lembrança consciente



(*conscious recollection*) de uma experiência pessoalmente vivida, acompanhada de um senso de “reexperiência” do evento original, e da crença de que o episódio realmente aconteceu. Conforme explicita Tulving (2001), a memória episódica corresponde à “consciência autoonética, referente ao conhecimento de si mesmo; são memórias definidoras do *self* (“Eu”) e produzem uma consciência de um tempo puramente subjetivo. Qualquer evento comunicativo contextualizado no tempo e no espaço inclui-se nesta categoria, pois é comum a articulação de episódios da vida cotidiana como partes da porção prévia. Esta minuciosa relação entre a memória semântica e a memória episódica, embora complexa, clarifica as informações acerca dos modelos mentais, ao mesmo tempo em que sinaliza para o fato de que os deslocamentos contextuais dos vestígios da subjetividade têm um caráter semântico, ora generalizado, ora episódico.

Vale ressaltar que a memória episódica não pode ser confundida com a autobiográfica, muito embora o processo de recuperação de episódios seja um dos componentes cognitivos desta. A memória episódica é um termo um pouco mais amplo na medida em que condensa também os registros autobiográficos, bem como os semânticos. Em outras palavras, as características do componente contextual da memória episódica assimilam o processo constituinte da imagem mental de um evento marcante às categorias de análise, a saber, o “eu”, o “aqui” e o “agora”. Todavia, se a memória autobiográfica for definida como uma lembrança de um evento acentuado da história de vida de um indivíduo, o mais provável é que ela seja um processo dinâmico entre a semântica e a episódica. (BADDELEY; EYSENCK; ANDERSON, 2011; THERRIAULT; RINCK, 2007).

Van Dijk (2012) descreve que as experiências pessoais são tipicamente caracterizadas por algum tipo de representação que o indivíduo tem de si mesmo. Aqui, estamos tratando da memória episódica. Todo o modelo de contexto é composto de uma ou mais memórias episódicas. As propriedades mentais dos participantes de uma interação em curso são definidas segundo a subjetividade, inerente ao episódio. Costuma ocorrer que uma das categorias essenciais do processamento do discurso é o “Eu”, incorporado a outros elementos textuais. Se o modelo de contexto é subjetivo e dinâmico, significa dizer que o estado cognitivo do participante da interação o fez

assim. São notadamente os participantes da interação que evidenciam traços de personalidade ao discurso. A ativação de modelos mentais requer que a estrutura episódica do “Eu” não esteja dissociada do discurso em si. Muitas das memórias episódicas, não tão somente as semânticas, podem ser compartilhadas via canal da mensagem entre emissor e receptor. Isto indica que as relações contextuais têm pontos em comum, que podem ser interpretados numa determinada superfície textual.

Toda a unidade semântica inclui a base comum do discurso e a representação deste discurso como textual ou situacional. O discurso tem base textual quando referido à macroestrutura, com elementos extralinguísticos, que têm o objetivo de complementar os sentidos do texto, já o discurso, enquanto base situacional, dimensiona aspectos próprios da subjetividade do participante da interação. Para Van Dijk (2004), no discurso em si, coexiste, como elemento primordial, o *background* (“pano de fundo”), contendo os sinais pressupostos e que são invisíveis ao texto. Em outras palavras, a formação do *background* requer, dos participantes, interpretações menos sumárias e mais condensadas ao contexto mais amplo. Isto significa que, antes que inicie um evento comunicativo, a relação contextual subjetiva do falante já pressupõe algum fato condizente com o tema central do discurso. As lembranças de um evento episódico qualquer, acumuladas na memória, retornam ao discurso como base situacional, que permite equacionar quais modelos mentais devem ser ativados.

Uma das especificidades dos modelos de contexto, definidos como modelos mentais, é que o indivíduo-interpretante não pode observá-los de modo linear. Isto ocorre porque as relações de contextualidade, inerentes à estrutura da língua, não são dadas a priori no processamento do discurso, ao contrário, são explicitadas de modo dinâmico e só são inteligíveis na presença da subjetividade. Deve-se levar em consideração que há variações instantâneas do discurso e que os sentidos são comumente construídos com base na mente dos interlocutores. Se as situações comunicativas são representadas como modelos mentais específicos da memória episódica, os traços linguísticos característicos da interação em curso são interpretados dinamicamente e com base nas categorias explícitas de seu uso. Na maioria das vezes, o discurso prévio faz parte do modelo de contexto. A designação do termo “contexto”,

segundo Van Dijk, não é o de ser uma categoria verbal que introduz aspectos subjacentes à estrutura da língua, ao contrário, a noção de contexto perpassa por um constructo sociocognitivo da interpretação dos fatos da língua. Formalmente, o “contexto” é verbal, sociocognitivamente, o “contexto” é subjetivo.

A interface sociocognitiva da teoria do modelo de contexto enquanto um modelo mental assume a convicção de que as estruturas sociais só podem afetar o discurso por intermédio das representações mentais dos usuários da língua. Isto quer dizer que, a força do discurso não está na sociedade ou na estrutura social propriamente dita, mas nas representações ou construções que os membros de uma comunidade societal fazem desta estrutura social e suas respectivas situações sociais. Tal definição não significa dizer que a teoria de Van Dijk sobre os modelos mentais reduza o processo de contextualização a um mero recurso mental, mas sim que a orientação de seu estudo se concentra na ideia de que cada componente contextual funciona no discurso também como um dispositivo cognitivo alojado na memória episódica. Os contextos só são empiricamente observáveis a partir de um ponto local via expressão dêitica ou anafórica. O papel do falante pode assim ser expresso pelo pronome pessoal “Eu” e demais expressões dêíticas tanto espaciais, como temporais. Este recurso à indicialidade permite ao discurso revelar as nuances do procedimento verbal, dentro de um evento comunicativo.

Neste contexto, os usuários da língua podem “apontar” para dimensões semânticas e discursivas, que interagem entre si. A forma de indiciamento ou de apontamento para algum entorno enunciativo é construída com base nas remissões textuais provindas das expressões dêíticas puras (“eu”, “aqui”, “lá”, “agora”, “depois”). Estes usos estritamente “dêíticos” da língua, próprios da indicialidade, descrevem como os participantes podem “indiciar” traços contextuais, criando uma estrutura hierárquica coerente com o evento comunicativo. Na teoria de Van Dijk, as diferenças semânticas estabelecidas entre uma situação e outra devem ser tratadas em termos de modelos de contexto. Isto confere à teoria um estudo inédito acerca das propriedades estabelecidas no processamento do discurso. A maior parte das teorias estruturalistas baseiam-se apenas na equivalência local ou global do entorno comunicativo, sem levar em

consideração também a situação mental. Deve-se, portanto, crer que as propriedades contextuais dos modelos de contexto são de ordem social e também cognitiva e que as relações entre língua e discurso assumem formas próprias, segundo o modelo mental empregado pelo falante.

### 3 O CONTEXTO HISTÓRICO-EPISÓDICO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NA ALEMANHA: UMA BREVE ANÁLISE DOS MODELOS MENTAIS DOS TESTEMUNHOS PÓS-GUERRA

(1) *“Você me pede, para Gil Altri, um testemunho sobre o tempo em que eu, como todos os judeus da Europa ocupada pelos nazistas, fui definido como um “outro”, isto é, condenado à condição de estrangeiro, ou melhor, de inimigo”.* (LEVI, 2015, p. 150, grifo nosso).

(2) *“Fui preso como membro da Resistência, no vale de Aosta, mas logo identificado como judeu. Conduziram-me ao campo de coleta de Fossoli, perto de Módena; e de lá, no final de fevereiro de 1944, para Auschwitz: mas esse nome hoje terrível era desconhecido a todos naquela época”.* (LEVI, 2015, p. 151, grifo nosso).

Estes dois testemunhos do químico Dr. Primo Levi em *Assim foi Auschwitz: testemunhos de 1945-1986* mostram como a memória é um instrumento maravilhoso, mas falaz. O único instrumento, propriamente humano, que tem o poder de recuperar as instâncias do passado é a memória. No caso particular da literatura de testemunho, estamos nos tratando da escritura episódica ou autobiográfica. Os indícios distantes do momento presente podem ser recordados e, ao mesmo tempo, cristalizados com a força da memória. A história ocidental de épocas de catástrofes, por exemplo, tem sua relação intrínseca com os estudos sobre a memória.

As escrituras autobiográficas (ou, os testemunhos pós-guerra) sobre a história da deportação e dos campos de concentração da Alemanha Ocidental mostram como os sobreviventes do holocausto, como o Dr. Primo Levi, recontam episódios tenebrosos, assombrosos e chocantes, vividos naquela época. Mais do que isso, eles, os testemunhos, alertam o leitor para o fato de que a história das tiranias fascistas na Europa sempre existiu. O ato de “dar testemunho” iniciou-se por volta do início do século XX, a partir de testemunhos dos sobreviventes pós-guerra. A materialidade do

testemunho representa, até hoje, o sofrimento de inocentes que vivenciaram, de perto, a morte. Muitos deles foram presos, torturados e mortos por conta apenas de sua língua, da cultura ou mesmo da religião. São relatos que jamais poderão ser esquecidos até que a força da memória esteja contida.

O testemunho (1) de Primo Levi datado de 1945-6 originalmente revisita o contexto histórico-episódico da temida história dos campos de concentração na Europa cuja doutrina é, até hoje, vivida pelos europeus: a de que todo o estrangeiro é considerado um inimigo. A designação do termo “estrangeiro”, nesta memória episódica, significa algo que lhe é estranho ao país de origem, em outras palavras, “ser um estrangeiro” significa dizer que o indivíduo não faz parte de um grupo social particular, supondo crer que ele não conhece as leis e os costumes que regem o país em que está inserido. De todo modo, um estrangeiro é visto como “diferente” por conta da língua, da religião e da cultura.

A relação do testemunho (1) com a perspectiva de Van Dijk acerca dos modelos de contexto enquanto modelos mentais aproxima o entorno real da realidade fictícia. O entorno real, na literatura de testemunho, é visto como algo fictício, pois o que dá vida ao relato de testemunho é a imagem mental construída pelo sujeito como em “Você me pede, para *Gil Altri*, um testemunho sobre o tempo em que **eu**, (...) fui definido com um “**outro**”. Neste fragmento episódico, o falante é questionado pelo interlocutor para recontar as experiências tenebrosas vividas no holocausto de *Auschwitz*. O modelo mental recuperado pela memória de Primo Levi é o de que, na época, ele, dentre outros judeus, foi considerado “inimigo”, “estrangeiro” ou como, no episódio relatado, “um outro”. Este ato de relembrar o ocorrido impõe ao falante descrever as situações em que os judeus, como Primo Levi, eram desprezados enquanto seres humanos, mencionando aspectos de trauma.

No testemunho (1), o modelo de contexto que desencadeia inicialmente a recordação do episódio vivido é o pronome de segunda pessoa, o “você”, sendo que o interlocutor sinaliza ou aponta para a categoria pessoa “Primo Levi”. A partir desse ponto, o relato episódico é reconstruído com a força da memória dos momentos vividos nos campos de concentração na Alemanha. O sujeito da interação, Primo Levi, se coloca



no discurso por meio do pronome de primeira pessoa “Eu”, mas englobando também outros companheiros de luta, que são os judeus. Os modelos mentais “judeus”, “estrangeiros” e “inimigos” remontam o preconceito racial dos nazistas que não toleravam a raça judia. Neste mesmo testemunho, a categoria “tempo” dimensiona as propriedades contextuais inerentes ao episódio relatado, ou seja, o falante Primo Levi, de modo coerente, recupera a situação mental a qual foi vivenciada há muito tempo atrás.

Nesta memória revivida, é como se as imagens das lembranças se tornassem concretas por intermédio da ação da escritura episódica ou autobiográfica, o passado vem à tona como pura invenção. É importante dizer que os relatos de testemunho repousam na ideia de que o sujeito precisa falar, expressar toda a sua subjetividade. Esta é a importância da literatura de testemunho, a importância de se resgatar e de se repensar o papel da memória no processo de rememoração de fatos e episódios. A ideia de “dar voz ao sujeito” é própria da postura do sujeito moderno, uma vez que ele necessita tornar transparente ao interlocutor os seus desejos como forma de escuta.

A história das guerras, dentre as mais conhecidas, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria (1945...), são catástrofes que geraram discursos eminentemente de origem testemunhal, pois, passadas as guerras, o registro episódico do holocausto só pudera ser recuperado por meio unicamente da escritura episódica ou autobiográfica. Foram estes marcantes acontecimentos de nossa história que produziram os testemunhos mais contundentes acerca da literatura histórica do pós-guerra. O borbulho da Segunda Guerra Mundial traz em seu bojo a ideia do genocídio em que dezenas de milhares de judeus foram trucidados nas câmaras de gás de *Burna-Werke*, salvo aqueles que morreram de fome e desidratação profunda. O líder do III *Reich*, Hitler, tinha a intenção iminente de acabar de uma vez por todas com o judaísmo, fazendo com que apagasse a memória social e religiosa deste povo.

O testemunho (2) tem uma dimensão de emergência do modelo de contexto diferente. Segundo Primo Levi, em 22 de fevereiro de 1944, uma situação semelhante ocorreu com ele e com outros estrangeiros de várias nacionalidades que foram



interrogados pela SS e mantidos em cativeiro nas comportas do trem que via de *Fossoli*, na Itália, com destino a *Auschwitz*. Eram franceses, italianos, alemães e poloneses, muitos destes judeus, que tinham evacuado a sua terra natal e seguido um destino que eles mesmo desconheciam. O modelo de contexto que evidencia este fato está em “**fui preso** como membro da Resistência, **no vale de Aosta...**” e, a partir daí, assim como outros judeus, foram interrogados pelos nazistas em “**Fossoli, perto de Módena**”, na Itália.

O referente dêitico espacial **lá** recupera outra instância discursiva também vivenciada por Primo Levi e seus companheiros. O uso do modelo de contexto **lá** traz em seu bojo a imagem mental que todos aqueles judeus iriam vivenciar. Ou seja, a de que, depois de *Fossoli*, durante uma viagem, esses estrangeiros foram amontoados na superfície dos vagões de um trem e transportados feito burros de carga como se fossem mercadorias impróprias para o consumo. Ao descer dos vagões do trem, foram rapidamente selecionados à vista e divididos em duas fileiras, para a esquerda e para a direita. À esquerda, estrangeiros com boa aparência física e saúde mental visível, à direita, estrangeiros que iriam ser trucidados nas câmaras de gás de *Birkenau*. Cerca de 650 estrangeiros e, por conseguinte, prisioneiros, destinados a pertencerem à totalidade de cerca de cinquenta campos de concentração. Segundo o testemunho (2), Primo Levi, em particular, pertenceu ao campo de concentração de *Auschwitz*. É interessante observar que o falante utiliza a expressão anafórica **esse nome**, categorizando-o como **lugar terrível**. De fato, para este sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, este acontecimento episódico marcou-o profundamente. Supõe-se que este episódio, em particular, está alojado na memória episódica de Primo Levi, o que provocou esta categorização do “lugar” para onde estavam indo.

A referência ao advérbio de lugar **lá**, na teoria dos modelos de contexto, assume uma posição de translocação espaço-temporal dos fatos da linguagem, como também do discurso. Posteriormente, após os prisioneiros judeus chegarem a *Auschwitz*, eles passaram por uma vista a olho nu e, despidos, foram levados a uma sala para iniciar o processo de tóusamento dos pelos do corpo: cabelos, barbas e axilas caíram sob tesouras e navalhas. Após isso, iniciou-se o processo de desinfecção do corpo com uma



substância chamada “lisol”. Este contexto histórico-episódico da história das guerras contadas por testemunhas oculares reafirma a importância do papel da memória na tessitura de lapsos pessoais. Este fato fortifica a teoria dos modelos de contexto enquanto modelos mentais, uma vez que uma das características essenciais do processamento do discurso é a de que os modelos mentais são amplamente subjetivos. Vejamos outro episódio:

(3) *Fiquei no campo de concentração de Monowitz (Auschwitz) de 26 de fevereiro de 1944 a 27 de janeiro de 1945, na qualidade de Haftling (número de matrícula 174517). Durante esse período, não tive como saber os nomes dos comandantes do Campo e dos responsáveis pelo tratamento desumano que nos era reservado.* (LEVI, 2015, p. 47, grifo nosso).

Neste testemunho (3), o falante Primo Levi descreve mais nitidamente o período em que passou no campo de concentração, logo que partiu de *Fossoli*, na Itália. Os campos de concentração eram considerados lugares de angústia e extermínio, como também excelentes campos de experiência científica para a medicina legal. *Auschwitz*, dentre os “campos”, era o campo-piloto, onde as autópsias feitas com gêmeos e anões, por exemplo, eram aprimoradas a grau único de perfeição legal. A mesa de dissecação transformava-se numa aula de anatomia humana. Dentre os estrangeiros, residiam, nestes campos, aptos médicos com diplomas outorgados em diversas das maiores universidades da Europa Ocidental, como o químico Dr. Primo Levi. Como conta no testemunho (3), a partir de expressões dêiticas temporais, Primo Levi ficou **em Monowitz de fevereiro de 1944 a janeiro de 1945**, cerca de aproximadamente um ano de cárcere. A título de curiosidade, o campo de *Monowitz* era um típico *Arbeitslager* destinado a residir estrangeiros de boa conduta física que, ora cavavam com pá e picareta cimento e cal, ora descarregavam carvão nas pilastras dos temidos complexos industriais. Contudo, como químico que era, Primo Levi ficou com o cargo de *haftling*, que era um tipo de médico-vigilante com maiores privilégios do que os demais prisioneiros.

É interessante observar que o falante, neste evento episódico, em particular, utiliza a expressão anafórica e dêitica **durante esse período**. Para o leitor, não fica



difícil imaginar que, a partir dos modelos de contexto apresentados até aqui acerca das atrocidades acometidas contra os judeus, o uso do elemento demonstrativo **esse período** não significa dizer que foi um tempo de deslumbramentos, afinal, estamos tratando de catástrofes. Esta expressão dêitica e, também concebida como um modelo mental, recupera um momento crítico na vida episódica de Primo Levi. Possivelmente, **durante esse período**, aconteceram muitas coisas horrendas que transformaram profundamente o modo de enxergar a vida. Podemos perceber claramente a carga significativa desta expressão referencial que, por intermédio dos traumas vivenciados nos campos de concentração, fez Primo Levi utilizá-la como um modo de categorizar o ambiente no qual estava vivenciando.

## 4 CONCLUSÃO

Neste artigo, podemos verificar a relevância da teoria dos modelos de contexto enquanto modelos mentais, segundo a concepção do linguista Van Dijk (2012). Percebemos que o processamento da língua, bem como do discurso articula posições pedagógicas que contrariam as abordagens mais estruturalistas, uma vez que estamos nos tratando aqui de uma abordagem sociocognitiva a qual vê o falante como a figura-chave de todo o processo de construção de sentidos do texto.

A descrição detalhada de como se processam os modelos mentais no texto episódico envolveu a ativação de modelos da experiência, incluindo os modelos de contexto, que fazem parte da teoria de base cognitiva. Os testemunhos apresentados de Primo Levi (2015) ilustraram a importância desta abordagem teórica na compreensão dos traços linguísticos minimamente analisados e corroboraram para a tese de que o discurso requer fundamentalmente dos falantes da interação a ativação e reativação incessante de modelos mentais.

## 5 REFERÊNCIAS

BADDELEY, A.; EYSENCK, M.; ANDERSON, M. **Memória**. Tradução de Cornélia Stolting. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BARTLETT, C. **Remembering**: An experimental and social study. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

EBBINGHAUS, H. **Memory**: a contribution to experimental psychology. New York: Teachers College, Columbia University, 2005.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. Tradução de Paulo Alcoforado. São Paulo: Editora da USP, 2009, p. 129-157.

JAMES, W. **The principles of psychology**. New York: Holt, Rinehard and Winston, 1990.

LEVI, P. **Assim foi Auschwitz**: testemunhos de 1945-1986. Organização e notas: Fábio Levi e Domenico Scarpa. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

THERRIAULT, D.; RINCK, M. Multidimensional situation models. In: SCHMALHOFER, F.; PERFETTI, C. A. (Eds.). **Higher level language processes in the brain**: inference and comprehension processes. NJ: Erlbaum, 2007, p. 311-327.

TULVING, E. **Elements of episodic memory**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

\_\_\_\_\_. **Episodic memory and common sense**: how far apart? Phil. Trans. R. Soc. Lond, v. 356, 2001. p. 1505-1515.

VAN DIJK, T. A. **Text and context**: explorations in the semantics and pragmatics of discourse. London: Longman, 1977.

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_; KINTSCH, Walter. **Strategies of discourse comprehension**. Nova York: Academic Press, 1983.